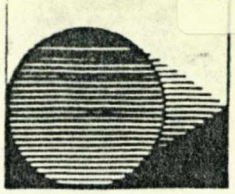
TC 4773

Voz do Trabalho
Ago/Set./Out/86

O DRAMA DO POVO DE TIMOR-LESTE



Este povo irmão do continente asiático, tem sofrido de 1975 até hoje, um longo martírio desde que, naquele ano, o seu território foi invadido pela Indonésia e por vias da força, procurou consumar a sua anexação.

As tropas invasoras, nos seus constantes massacres e violações, já eliminaram mais de 200 mil timorenses, equivalente a um terço da população.

Entre algumas das barbaridades cometidas podemos referir:

. Execuções sumárias, massacres de milhares de civis não-combatentes;
. prisões arbitrárias sem acusação formal ou julgamento, prática habitual de tortura;
. número impressionante de «desaparecidos», depois de terem sido presos e detidos em centros ou prisões;
. concentração da população timorense em «aldeias estratégicas» ou campos de concentração, fortemente vigiada, muitas vezes sem poder deslocar-se às hortas, provocando falta de alimentos e situações de fome;
. necessidade de um salvo-conduto (surat-jalon) para poder deslocar-se no interior do território;
. imposição da língua e cultura indonésias nas escolas, como forma de matar a cultura timorense;
. no sector da saúde, falta de medicamentos e desvio destes para venda particular: o povo que não tem dinheiro não os pode comprar.

POSIÇÃO DA IGREJA DE TIMOR

A Igreja Católica em Timor-Leste, continua a ser a esperança deste povo martirizado.

Nestes tempos difíceis, a Igreja tem tentado aliviar o sofrimento e as dores materiais e morais do povo, na medida das suas possibilidades. Em circunstâncias difíceis, a Igreja tem contribuído imenso para a luta de libertação do povo timorense. É um facto que o povo de Timor não esquecerá. A Igreja identifica-se com o povo timorense e, por isso, ela sofre com o seu povo. Quantas vezes os seus pastores foram alvo de severas críticas e maus tratos por parte do ocupante!

Por exemplo, em 1 de Fevereiro de 1986, o Pe. Hilário Madeira, que estava na Câmara Eclesiástica, recebeu ordem de prisão imediata. O caso foi denunciado no Gabinete do Governador. Em 27 de Junho deste ano, um padre salesiano belga, o Padre Walter, foi brutalmente maltratado por militares indonésios, tendo este facto provocado um forte protesto do bispo de Dili, Monsenhor Belo. Contudo, a Igreja continua a caminhar ao lado do povo vivendo os mesmos sofrimentos e partilhando a mesma esperança.

O GOVERNO E A IGREJA

Sabendo que a Igreja de Timor-Leste é para este povo o apoio e a defesa das suas justas aspirações, a Indonésia tenta neutralizar a sua acção por todos os meios. Para tal foi desencadeada uma campanha de conversão ao islão — mas a campanha não resultou.

A existência de um Departamento Religioso oficial, cujas orientações devem ser aplicadas em Timor como na Indonésia, facilita o trabalho das autoridades indonésias. Estas tentam através de numerosos meios (construção de igrejas, escolas, autorizações de entrada de novos missionários) aproximar-se da Igreja e levá-la a dar apoio à política do Governo, a colaborar na luta contra as forças nacionalistas, com vista ao reconhecimento da anexação de Timor-Leste na Indonésia.

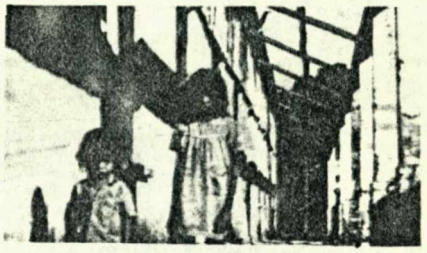
Esta táctica é utilizada todos os dias pelos militares. É a continuação da tentação: «dar-te-ei todas estas coisas se, prostando-te aos meus pés, me adorares», diz Mons. Belo, Administrador Apostólico de Timor.

Como a Igreja de Timor-Leste não se presta a fazer este jogo, o governo tenta intervir através da Igreja indonésia e pela indonesianização da Igreja em Timor-Leste — por exemplo, entradas numerosas de padres e religiosas indonésias, distribuição gratuita de catecismos em indonésio, enquanto existe um em Tétum (língua timorense).

«A Igreja tem um papel insubstituível a desempenhar no futuro de Timor, quaisquer que venham a ser as soluções encontradas. Só ela pode proceder à reconciliação da Família timorense». **(deputado Anacoreta Correia ao D. N. após a sua visita em Julho a Timor)**

A IGREJA PORTUGUESA

Como tem reagido a Igreja Portuguesa, face a um sofrimento de tantos irmãos nossos?



Ruínas do Seminário de N. S. de Fátima, em Dili, destruído pelo invasor, por se ter aí refugiado o povo.

O Boletim do Grupo Cristão «Paz e Justiça para Timor-Leste», da paróquia de N.a Sr.a da Ajuda, da Igreja da Pasteleira do Porto, no seu número de Maio último, relaciona o Ano Internacional da Paz (a decorrer neste ano) com o drama de Timor e refere:

Porque não clama por justiça para Timor-Leste, esta Igreja que se diz «Igreja dos pobres»?

(...) Há guerra em Timor e essa guerra também é nossa. Se a Igreja quer educar para a Paz tem de começar por sujar as mãos acordando, na consciência dos portugueses, a sua responsabilidade numa guerra que tem nome, tem lugar e tem milhares de homens a morrer para que haja paz e justiça no seu território».

INTERROGAÇÕES E APELOS

Lançamos, em forma de interrogações, algumas sugestões para as tornar realidades:

«Porque não encorajar a criação de grupos que reflitam a PAZ sobre o caso de Timor, dando depois a conhecer os resultados da sua reflexão às respectivas comunidades?

Porque não promover mesas redondas de informação e debate?

Porque não usar os canais da comunicação da Igreja e os tempos de antena para falar da Paz encarnada no sofrimento do Povo de Timor?

Para quando o desencadear acções de acolhimento aos refugiados Timorenses?

Porque se espera para descobrir formas de actuar, comunicar, informar»?

(Extraído do boletim «Em Timor-Leste a paz é possível» — Julho-Agosto 1986)

António Reis

TIMOR

População:

1975: 689 mil (católicos 32 por cento; animistas 58 por cento

1985: 578 mil (católicos 80 por cento; animistas 12 por cento

Mais de 200 mil pessoas mortas pelo invasor
(um terço da população)